



A POESIA É MARGINAL, O POETA NÃO!

*a rua como espaço de formação
e profissionalização da
juventude periférica*

*POETRY IS MARGINAL, THE POET IS NOT! THE STREET AS A SPACE
FOR TRAINING AND PROFESSIONALIZATION OF PERIPHERAL YOUTH*

Natã Neves do Nascimento¹

-
- 1 Natã Neves do Nascimento é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atualmente tem pesquisado as trajetórias de jovens moradoras de territórios periféricos na cidade do Rio de Janeiro, analisando as narrativas e construções e reconstruções de seus projetos de futuro. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), com a dissertação *Três minutos, duas mãos e uma voz: Performances, Trajetórias e Sobrevivências através de batalhas de poesias*, defendida em 2020 sob orientação da professora dra. Adriana Facina. Possui graduação no curso de Produção Cultural da UFF concluída no ano de 2016 quando pesquisou jovens que moram em favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro, suas dinâmicas identitárias e culturais além de desmistificar o estereótipo do termo favelado. *E-mail*: nataoneves@hotmail.com.

RESUMO:

Este trabalho objetiva analisar e reconhecer a rua como espaço público de formação para os poetas de *poetry slam*, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da trajetória de alguns poetas que encontraram nesse movimento cultural, surgido nos anos 1980, nos Estados Unidos, possibilidades de trabalhar com a sua cultura no campo das artes e literatura. Evidencia-se o processo de profissionalização dos poetas de *slam*, sobretudo as narrativas de jovens periféricos que encontram nos ataques poéticos uma fonte de renda. E apesar de tais práticas serem comuns nos dias de hoje, esses artistas ainda sofrem com marginalizações e preconceitos por parte das autoridades. A partir das análises apresentadas, serão difundidos os múltiplos caminhos que se apresentam aos poetas após esse contato com o *slam* e as alterações em seus projetos de futuro.

Palavras-chave: rua. poetry slam. trabalho. jovens periféricos.

ABSTRACT:

This article aims to analyze and recognize the street as a public training space for poetry slam poets, in the city of Rio de Janeiro, based on the trajectory of some poets who found in this cultural movement, which emerged in the 1980s in the United States, possibilities to work with their culture in the field of arts and literature. The process of professionalization of slam poets is evident, especially the narratives of young peripheral people who find a source of income in poetic attacks. And although such practices are common today, these artists still suffer from marginalization and prejudice on the part of authorities. Based on the analyzes presented, the multiple paths that appear to poets after this contact with slam and the changes in their future projects will be disseminated.

Keywords: street. poetry slam. work. peripheral youth.

INTRODUÇÃO

Poetry Slam é uma competição surgida nos Estados Unidos, nos anos 1980, que rompeu com as regras que o universo literário e acadêmico geralmente apresentava como sendo poesia. O idealizador desse acontecimento poético foi Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil, que conseguiu, através de sua poesia, transformar esse evento, de maneira despretensiosa, em um grande movimento cultural. Dessa forma, a competição foi se expandindo para outras regiões dos Estados Unidos, recebendo mais apreciadores, desembocando em campeonatos de poesias, alcançando países da Europa e da América Latina (Nascimento, 2020; Smith; Kraynak, 2009).

Nos anos 1990, a competição ganha notoriedade através do *National Poetry Slam*, o campeonato nacional de poesia slam ocorrido em São Francisco, na Califórnia, reunindo grupos de poetas da própria cidade, assim como de Nova York e Chicago. Com o passar do tempo, transformou-se num precursor da representatividade de minorias e grande influência na literatura de todos os lugares do mundo, tornando-se mais que uma “modalidade da poesia falada”.

A competição possui regras e para que aconteça é necessária a figura de um *slammaster*, também conhecido como apresentador

e é quem escolhe os jurados daquela edição. Esse júri irá avaliar as performances apresentadas. Diferentemente de uma competição que requer um júri técnico sobre aquele assunto, o *slam* segue o caminho oposto, compreendendo que qualquer pessoa está apta a julgar a poesia e a performance apresentada pelo poeta.

Essas batalhas cresceram. Além do popular jogo de poesia, criou-se uma identidade de resistência, a partir do diálogo com as temáticas propriamente debatidas e enfrentadas por diversas comunidades, tais como o discurso racial, a ideologia de gênero, desigualdade social, o combate ao discurso de ódio e o embate diante de qualquer regime de opressão que esses grupos possam enfrentar. Esses encontros se convertem em novos espaços de sociabilidade em que se busca, através da poesia e da arte, o debate de questões sociais, apoiados na interação entre poeta e público.

No Brasil, a competição é trazida pela atriz, poeta e pesquisadora Roberta Estrela D’Alva, que introduz o *Poetry Slam* em meados dos anos 2000, inaugurando a atividade cultural no Brasil. Com o nome *ZAP! Slam*, que significa “Zona Autônoma da Palavra”, o primeiro *slam* aconteceu de forma improvisada no estado de São Paulo, com o apoio do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos².

Essa competição de *slam* faz parte de um campeonato de divisões locais, estaduais e nacional, que valem uma vaga para uma competição internacional na Copa do Mundo de Poesia, sediada em Paris, com diversos competidores do Canadá, Estados Unidos, França, Holanda, Bélgica, dentre outros países. Ao final de cada ano, um encontro dos poetas classificados nas etapas estaduais é organizado, representando seus respectivos estados, no evento conhecido como *SLAM BR*, o campeonato brasileiro de poesia falada.

O movimento poético do *slam* no Brasil pode ser compreendido como uma possibilidade desses jovens ocuparem os espaços públicos com

-
- 2 O Núcleo Bartolomeu de Depoimentos da Cooperativa Paulista de Teatro, formado por Claudia Schapira, Eugênio Lima, Luaa Gabanini e Roberta Estrela D’Alva, nasceu no ano de 2000 e tem como pesquisa de linguagem o diálogo entre a cultura hip-hop, com a contunância da autorepresentação como discurso artístico, e o teatro épico e seus recursos.

suas poesias, nos diversos bairros e praças da cidade, configurando-se como estratégia implícita de vivência urbana. Assim, contribui para pensar e debater as formas de se estar e utilizar as praças e locais públicos. Em seus corpos, os jovens trazem consigo um novo anseio da utilização desses espaços, não apenas de maneira performática, mas como uma experiência política.

Entre os poetas, destaca-se uma juventude periférica, negra, LGBTQIAPN+³ que identifica nesse formato de competição a oportunidade de criar, viver da arte e, ao mesmo tempo, debater questões de seu interesse, de maneira participativa.

Essa juventude, na faixa etária entre 15 e 29 anos⁴, em transição da adolescência para a juventude vivenciam transformações, não apenas no corpo; sobretudo em suas mentalidades. Assim é que o perfil desse jovem, afeito ao *slam*, é ser contestador dos padrões familiares e culturais herdados, além de ser um questionador das razões pelas quais sofrem violência por sua raça, sexualidade ou gênero. Diante disso, as escolhas de tais jovens, ao se envolverem em práticas culturais de expressão artística, podem ser analisadas a partir dos processos de transformação pelos quais passam e a afirmação de suas identidades.

Hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado ‘mundo adulto’ para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas diz respeito ao fato de os sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente (Carrano, 2011, p. 7-8).

-
- 3 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agêneros, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não binárias e mais
 - 4 De acordo com o Estatuto da *Juventude*, são considerados jovens aqueles que têm idade entre 15 e 29 anos.

Para Stuart Hall, as “[...] representações da identidade estão vinculadas a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares” (Hall, 2006, p. 76), o que estaria representando o seu pertencimento a determinado lugar. No entanto, a população nem sempre se vê receptiva diante desta representação, das críticas presentes nas poesias. Essas atitudes de afirmação, através dos versos narrados no slam, confrontam os que escutam, trazem certo desconforto e reflexão. Ao performar no *slam*, esses poetas “vão à luta” em busca do título de campeão daquela batalha. É também a forma de questionar o porquê de terem seus corpos representados como sinal de perigo ou de algo incomum. É nesse lugar que suas vozes são ouvidas. É por meio das letras dos versos que se unem a força da performance e a da entonação durante a apresentação.

SLAM DE RUA - OCUPANDO O ESPAÇO PÚBLICO

Olhar para a cidade pelas lentes das artes e da cultura é crucial. Esse espaço urbano apresenta-se como um produto complexo, que rompe com a dimensão física e abrange o campo cultural, político e social. Partindo desse entendimento, será abordado o uso que é feito por parte dos artistas na rua, para os quais esse espaço público é um local de trabalho e reconhecimento por sua arte. É na compreensão de que a rua é mais do que mero espaço geográfico que as escolhas dos indivíduos se apresentam como categorias a serem analisadas. Quanto a isso, Roberto da Matta afirma:

[...] ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (Damatta, 1997, p. 14).

É importante avaliar como o espaço se torna o ambiente de sociabilidade, lazer e trabalho, onde esses artistas encontram possibilidades de levantar recursos para a manutenção de suas rotinas. Esses jovens são continuamente vistos por seus marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade; compreendidos como marginais, o que é mais um motivo da poesia de rua, da poesia de *slam* ser apropriada por seus poetas como uma poesia marginal. Para além das margens, na qual vivem muitos de seus poetas, há uma quebra e ressignificação desse sentido da palavra *marginal*, como um indivíduo que não respeita normas e ordens. É o que podemos analisar quando o poeta acreano Mateus Britto diz: “A poesia é marginal, o poeta não”. Ela não irá seguir uma norma estabelecida, ela basta em si e quebra as regras. Entretanto, o poeta é apenas o porta-voz e não o marginal.

Isso se alinha ao imaginário de que esse espaço da rua seria violento e perigoso “[...] espaço movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas como indigentes” (Damatta, 1997, p. 54).

Dessa forma, quando a juventude periférica se reúne nas ruas da cidade, para apresentar poesias de *slam*, vai falar de temas do cotidiano como o racismo, o sexismo, a LGBTQIA+fobia, política. Em geral, os *slams* acontecem nas ruas, e isso se tornou marca nacional: o desejo de ocupar os espaços públicos. Outra característica notável é a de romper com o conceito de meras batalhas de poesia para se tornar o movimento de resistência de identidades socialmente negadas, por se inserirem num contexto mais amplo de produções culturais e artísticas em regiões periféricas da cidade, onde historicamente se concentram ausências e falhas de equipamentos do poder público no atendimento às demandas das populações.

A ARTE DOS CORRES

Durante a experiência nas batalhas de poesia percebi como os(as) poetas são criativos(as). Uma das grandes astúcias desses poetas é a forma que têm encontrado de criar alternativas para se manterem e se

sustentarem como artistas e poetas independentes. Nesse momento, soluções imediatas são feitas dentro do universo desse poeta favelado, e não apenas em sua comunidade. É preciso ponderar sobre como a ideia de sobreviver se relaciona às táticas utilizadas por eles, por exemplo, através de ataques poéticos dentro dos transportes públicos, da venda de materiais vinculados aos seus coletivos como camisetas ou zines.

As manifestações culturais do estado do Rio de Janeiro podem produzir reflexões sobre os diversos caminhos que a cidade maravilhosa oferece. Quanto a isso, é importante destacar a presença das artes que são manifestadas nas ruas, que se tornam o pão de cada dia de muitos trabalhadores do campo artístico e cultural.

O ataque poético se tornou comum em transportes públicos. Em 2018, esses “corres”⁵ aconteciam no metrô e no trem, com frequência. Os poetas apresentam suas poesias dentro dos vagões de trem e metrô e após a exposição passam o chapéu recolhendo as contribuições por aquela atividade. Eles estão buscando sustento e precisam atrair a atenção do público para arrecadar recursos através daquela performance poética.

Utilizo o conceito de tática, do autor francês Michel de Certeau, como astúcia, o que se encontra onde ninguém espera e assim criam-se surpresas. Durante o ataque poético, o improvisado torna-se poesia e isso pode transformar-se em livro ou em zine, que é um livreto básico, independente. O zine tem sido uma ferramenta de difusão de poetas independentes, que têm total responsabilidade e participação, desde a produção até a publicação: desenham, escrevem, organizam e imprimem. Há também zines coletivos, e aí o resultado é repleto de diversidade de ideias, escritas e poesias.

Essa forma de trabalho autônoma não garante um salário fixo. Recordo-me de um episódio envolvendo MC Martina, poeta, ativista, idealizadora do Slam Laje, que acontece no Complexo do Alemão, subúrbio carioca onde mora. Encontrei-a numa sexta-feira à tarde,

.....
5 Gíria utilizada pelos poetas para falar sobre “carrera” ou “trabalho”.

em direção a uma das praias da zona sul, região em que residem as classes mais abastadas da cidade. Ia com sua irmã e com a poeta Jaqueline Alves. Na ocasião, ela relatou que estava indo para a praia com o dinheiro contado das passagens, mas iria se divertir e a falta de recursos não seria empecilho. No meio do caminho, a poeta olha para a outra e sugere, “que tal fazer um ataque poético? Não temos nada a perder mesmo”. Contabilizei que na primeira tiragem recolheram R\$ 28,00, quantia suficiente para uma cerveja, um petisco, ou outro gasto. Apartei-me delas na estação seguinte, mas elas seguiram com os ataques e os recolhimentos. Essas táticas se manifestam nas vidas dos poetas quando esses escolhem viver de poesia.

A presença de poetas nos vagões de metrô e de trem na cidade do Rio de Janeiro se tornou comum. Os poetas encontraram uma maneira de ganhar dinheiro através de seus versos. Compartilhando o mesmo espaço com vendedores ambulantes, alguns poetas se organizavam para circular pelas estações entre o centro e a zona sul da cidade.

Em outra ocasião, as poetas MC Martina e Sabrina Azevedo explicaram como realizavam as apresentações nos transportes. Assim como MC Martina, Sabrina Azevedo é poeta, atriz, escritora, roteirista, comediante, compositora e produtora cultural. Moradora do Morro da Caixa D’água, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro é membra fundadora do coletivo Nós da RUA. Na ocasião as abordagens eram do tipo:

Azevedo: Senhoras e senhores, uma boa tarde. Gente, eu sou a Sabrina Azevedo.

Martina: E eu a Sabrina Martina.

Azevedo: Diariamente nós recitamos poesias pelo Rio de Janeiro e hoje para não ser diferente, estamos aqui novamente. Mas é claro, gente, o intuito não é atrapalhar a viagem de ninguém. Então por isso quem se sentir incomodado só levantar a mão e quem não sentir pode continuar com a mão abaixada.

Michel de Certeau (2014, p. 95), afirma que “a tática é a arte do fraco”. E diante das incertezas financeiras que os poetas que trabalham nos transportes públicos enfrentam, esses artistas teriam urgência para alcançar uma solução para suas demandas e sustento. Nesse caso, as jovens precisaram encontrar uma alternativa para lidar com um público que pode se sentir desconfortável diante de performances artísticas dentro do transporte público.

Entretanto, no final do mês de junho de 2019 não só os poetas, como todos os artistas que se apresentavam nos transportes públicos foram surpreendidos com a suspensão das apresentações. O objetivo da proibição era que tais manifestações culturais não prejudicassem o sossego e o conforto no transporte. No ano de 2018, uma lei foi sancionada pelo governador do estado, na época Luiz Fernando Pezão, que autorizava artistas a fazerem performances e outras manifestações culturais nas estações do metrô, barcas e trens. A Lei nº 8120 de 25 de setembro de 2018, trazia em seus artigos o que se entendia por apresentações culturais, apresentação musical vocal, apresentação musical instrumental, apresentação de poesia, teatro, dança e outras manifestações artísticas.

A razão para a suspensão da lei é que, segundo o desembargador relator do caso, seria inconstitucional o artigo 4º, parágrafo 3 da lei que diz: “É permitida a realização de performances artísticas no interior das embarcações e dos vagões, que será regulamentada pelo Poder Executivo, ouvidos os artistas” (Rio de Janeiro, 2018).

Após a suspensão da lei, muitos artistas perderam a renda que recebiam dos trabalhos dentro dos transportes públicos e precisaram encontrar outras formas de se manterem da sua arte. Diferentemente da situação escassa que esses poetas e artistas de rua estão enfrentando atualmente, no ano de 2017, um grupo de jovens periféricos, moradores de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro, começou a organizar intervenções artísticas dentro de coletivos pela cidade. Através de uma iniciativa de romper com espaços que sempre dialogam com o mesmo público, MC Martina e Al Neg, ambos poetas

do Complexo do Alemão, se uniram para falar o que acontecia dentro da favela através de poesia. A referência da dupla eram os cantores de rap Kmilaa CDD e Mv Bill⁶ pois o trabalho dos dois a inspirava. Para que as apresentações não tivessem qualquer tipo de erro ou parecesse algo desorganizado, a dupla de poetas começou a se organizar e a planejar de qual maneira as intervenções iriam acontecer, as abordagens, quais poesias seriam apresentadas, que gritos iriam abrir cada poesia e como eles poderiam chamar a atenção do público para aquele momento.

A professora Lívia de Tommasi comenta a respeito da maneira que esses jovens periféricos e favelados encontraram de expressar suas inquietações.

Fugindo das formas tradicionais da política (os partidos, os sindicatos, o movimento estudantil), os jovens de classe popular expressam – através do corpo, da dança, da palavra, do traço, da performance, de um estilo – suas questões, demandas e denúncias (Tommasi, 2017, p. 67).

Até a metade do ano de 2017, MC Martina e Al Neg realizavam intervenções artísticas que se apresentavam como ataques poéticos realizados por poetas favelados. A partir daí, a dupla compreendeu a necessidade de ampliar a participação de outros poetas dentro do coletivo. A ideia era que poetas de diferentes favelas da cidade participassem cada um trazendo um pouco da realidade que vivem nesses territórios. Diversos poetas se juntaram ao coletivo, como Brenda Lima de Petrópolis, Carol Dall Farra da Baixada Fluminense, Saulo Inácio de Niterói, Nathalia D'lira de São Gonçalo, além de poetas do Morro do Macacos de Vila Isabel, de Curicica, Zona Oeste da cidade. Os moradores de territórios periféricos reagiram às arbitrariedades e aos preconceitos das instituições policiais e das elites brasileiras,

6 Kmila CDD é o nome artístico da cantora de rap Kamila Barbosa, a artista atua junto com seu irmão, MV Bill que se chama Alex Pereira Barbosa que além de *rapper*, é ator, escritor e ativista brasileiro.

criando um movimento cultural que garantisse visibilidade às suas reivindicações e denúncias. Na sua relação com os aparelhos repressivos e o descaso do Estado foram condicionados a resgatar as lutas e a necessidade de se organizarem e militarem através das artes para chamar a atenção de parte da sociedade que reproduz o racismo, o sexismo, a misoginia, a LGBTQIA+fobia. Essa elite não compreende a importância e o valor da cultura dos territórios periféricos, bem como suas produções e assim lhes virou as costas, e fechou os olhos para essas expressões sociais e artísticas que acontecem nas periferias. A iniciativa começou com intervenções nos trens e metrô. Durante uma conversa com MC Martina, a poeta afirmou que os seguranças do metrô começaram a “barrar” e impedir a presença dos poetas e conseqüentemente os ataques poéticos não aconteciam. Segundo ela, o início das apresentações nos transportes não foi bem recebido por parte do público e não conseguiam arrecadar muito dinheiro nos ataques. MC Martina descreve uma dessas abordagens no metrô, “tinha um corredor de seguranças esperando pela gente, a gente já sabia que ia dar ruim daí a gente foi andando da Carioca (estação de metrô) até a Central (estação de trem) e então a gente começou a fazer ataque poético no trem”. A poeta precisou trocar de transporte público para que pudesse continuar com os ataques poéticos.

MC Martina compartilhou que o público se admirava da originalidade das apresentações, e por ser algo novo haja vista que o público que utiliza esses transportes estaria acostumado a ver e ouvir tão somente manifestações religiosas ou comerciais dos ambulantes; em se tratando de manifestações artísticas não era comum. A poeta afirma: “a gente sacodi a cidade”. Ela aponta que, a partir dessa experiência junto aos poetas favelados, os artistas que faziam parte do coletivo se sentiram incentivados e confiantes a iniciar um *slam* nas suas comunidades.

Sendo assim, podemos compreender “[...] que os territórios periféricos, no Brasil, são densos de criações artísticas e culturais que têm, também, um significado político” (Tommasi, 2017, p. 33).

Ao se sentirem encorajados a criar um slam dentro de suas comunidades, esses poetas enxergam além de um acontecimento poético, um movimento social para refletir a realidade vivida por jovens que têm tido sua juventude e identidade negadas.

Isso fortaleceu a cena carioca de *slam*, com um aumento significativo de *slams* na cidade. Durante um tempo, o coletivo realizou parceria com a Mídia Ninja⁷, uma rede de comunicadores que se utiliza das redes sociais com pauta nas lutas sociais e na articulação das transformações culturais, políticas. Através dessa parceria, muitos dos vídeos que contavam com registros das intervenções nos coletivos *viralizavam* nas redes sociais. E um dos vídeos que estão no perfil da Mídia Ninja na plataforma de vídeos Youtube, o poeta AL Neg declama uma poesia pela liberdade de Rafael Braga e com o grito de guerra mais que original o ataque começava, “Ataque poético, poetas favelados, abra seu coração”.

Recado ao Estado

Vinte de junho de dois mil e treze

Lembra?

Portando Pinho Sol e uma garrafa de água sanitária

Mais um irmão forjado nessa sua guerra diária

Suas missões na favela nunca foram contra as drogas

Que enchem seus bolsos de dinheiro

São gastos e mais gastos

Até empréstimos estrangeiros

Para fazer operação

Vai tudo contra o preto

Não investe em educação

E a favela?

Ainda é senzala, é?

Duvido

-
- 7 A Mídia Ninja se apresenta como uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Através de uma proposta colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, são realizadas reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo.

*Se nos juntarmos de verdade
Faremos até terem medo da vida*
(Ataque [...], 2017)⁸

Ao realizar esse tipo de abordagem dentro dos transportes públicos os poetas alcançavam uma plateia diferenciada. Como a circulação de pessoas nesses meios de transporte é muito alta, com fluxo contínuo de gente a todo o momento, os que não tinham qualquer tipo de contato com as poesias e que sequer frequentavam o ambiente do *slam* passaram a testemunhar e apreciar as batalhas. Esses ataques poéticos não envolvem armas ou violência, e sim palavras afiadas e versos carregados de emoção. Munidos com canetas, papéis e uma paixão ardente pela poesia, esses artistas urbanos percorrem as ruas do Rio, abandonando mensagens que desafiam, inspiram e encantam. A crítica à forma como o Estado enxerga o corpo negro se reflete em questionamentos que levam o público que escuta a refletir sobre o momento em que vivemos. Quando o poeta diz “Ainda é senzala?” examina a maneira que esse corpo negro é tratado em nossa sociedade durante o século XX e XXI, e ainda mais pelos mais de cento e trinta anos decorridos da assinatura da lei Áurea⁹. O corpo negro foi e continua sendo alvo de violência.

(RE)INVENÇÃO DOS PROJETOS DE FUTURO

Segundo (Velho, 1994, p. 48), “[...] os projetos mudam e as pessoas mudam através dos projetos”. A partir do direcionamento de projetos que tenham objetivos específicos é que a trajetória dos indivíduos vai se estruturando através de seu campo de possibilidades. Então, é possível analisar o perfil desses jovens, os marcadores que trazem consigo, suas vivências e as diversas situações e conflitos enfrentados para alcançar seus projetos de futuro.

-
- 8 Trecho de poesia apresentada pelo poeta Al Neg durante um ataque poético.
 - 9 A Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel enquanto regente do trono, em 13 de maio de 1888, decretava o fim de todas as atividades escravistas do Brasil.

Ao longo da pesquisa que iniciei no ano de 2016, pude acompanhar as mudanças nos projetos de algumas interlocutoras que apresentavam, em suas narrativas, o desejo de ingressar na universidade e conseguir um diploma de ensino superior. Destaco aqui duas poetisas muito importantes no cenário do *slam* carioca, MC Martina e Sabrina Azevedo. As jovens que seguem atuantes como poetisas, encontraram outras possibilidades de tornar a arte que desenvolvem em trabalho. Os diversos fatores da vida levaram-nas para novas direções. Desde o primeiro contato que tivemos no *Slam Laje*, em 2016, houve consideráveis alterações nas perspectivas e muitas mudanças nos projetos de vida. A poetisa Sabrina Azevedo, por exemplo, vem ganhando reconhecimento por parte de seu trabalho enquanto escritora.

No ano de 2021, a jovem participou do projeto realizado pela marca de cervejas Devassa, junto a rede de streaming Globoplay. A série *Criatividade Tropical: Abre as Portas para o Gueto* foi um projeto que buscou celebrar artistas brasileiros, junto a jovens artistas, para um processo de criação coletiva a partir das vivências de cada um desses jovens talentos. O projeto foi conduzido pela cantora Iza¹⁰ e contou com a participação de Carlinhos Brown¹¹ e Larissa Luz¹² como mentores para a produção da música criada.

Sabrina encerra a canção identificada como “Na atividade”, criada junto aos outros jovens que participaram do projeto, ao fundo o som de um violino, com seus versos impactantes ela diz:

*Eu não vim de baixo,
o meu morro é alto.
É a arte do gueto
pisando o asfalto*

-
- 10 Iza ou Isabela Cristina Correia de Lima é uma cantora, compositora, apresentadora e publicitária que nasceu na Zona Norte do Rio de Janeiro e começou a fazer sucesso através de vídeos de música na internet.
 - 11 Conhecido por Carlinhos Brown, Antônio Carlos Santos de Freitas é um cantor, compositor, produtor musical, arranjador, percussionista, multi-instrumentista e artista visual brasileiro.
 - 12 Larissa Luz de Jesus é uma cantora, compositora e apresentadora baiana com forte influência no debate sobre os temas do afro futurismo e afro-punk.

*Minha família disse para eu tentar
Eu tentei
Falador disse: você que lute
Lutei,
Conquistei
Sou descendente de rainhas e reis
Carrego na bagagem ancestralidade
Fazendo arte na rua
daquele jeito
e o que nós quer?
RESPEITO*

Ao final do projeto, os nove jovens participaram de festivais junto à marca que divulgava o lema da criatividade tropical. Em suas redes sociais, a jovem compartilhou um vídeo curto com algumas gravações de sua participação para a divulgação do projeto Criatividade Tropical, no programa *The Voice* da Rede Globo. O vídeo foi conduzido por sua voz recitando os versos para a canção criada. Na legenda a jovem escreveu: “Sou grata pela caminhada, grata pelos encontros, grata pelas parceiras e pela oportunidade! Fé e ação sempre!”.

No mesmo ano, Sabrina participou de um processo de composição para a cantora de *funk* Pocah. Para essa criação, a jovem voltou a trabalhar com o produtor Pablo Bispo, com quem havia trabalhado no projeto criatividade tropical. Ela utilizou das redes sociais para compartilhar um vídeo atestando que aquele seria um dia muito importante para a carreira dela; a julgar pelo texto legendado, um dos dias mais felizes da carreira da jovem. Também cita o produtor Pablo Bispo, agradecendo a oportunidade de trabalhar com ele e que em breve a música estaria disponível.

A música que tem a contribuição de Sabrina Azevedo se chama “Ainda”¹³ e o videoclipe no YouTube já ultrapassou a marca de dois milhões de visualizações. É mister destacar como ser poeta é um

.....
13 Videoclipe da música Ainda da cantora Pocah (Ainda, 2022).

símbolo da resiliência e da capacidade de adaptação em face das adversidades. É se reinventar e ressignificar a partir das possibilidades que vão se apresentando no caminho.

Ainda segundo Velho, a realização dos projetos a partir das múltiplas interações individuais ou coletivas é relativa ao campo das possibilidades:

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (Velho, 1994, p. 47).

Os conceitos de Gilberto Velho sobre projeto, trajetória e campo de possibilidades, inspirado na fenomenologia de Alfred Schutz, ampliam a compreensão dos fenômenos que atravessam e cercam sujeitos dentro das sociedades complexas. Opondo-se à perspectiva que vê os sujeitos como totalmente autônomos dentro da sociedade, Gilberto Velho desenvolve a noção de projeto partindo dos conceitos de Schutz:

O *projeto* no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (Velho, 1987, p. 28).

O autor insiste que não é possível pensar um projeto individual sem uma referência do outro ou ao contexto social que esse sujeito está inserido. Contrariamente, ele se torna capaz de percorrer diferentes situações e realizar escolhas, ainda que essas estejam relacionadas a seu campo de possibilidades. O autor continua:

[...] o projeto *não* é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes (Velho, 1987, p. 71-72).

A partir da dimensão particular do indivíduo e da dimensão simbólica de sua cultura, os projetos individuais acontecem, pois, articulam-se através de processos sociais e de negação da realidade. Podemos olhar através de qualquer decisão que, tomada por um indivíduo, por mais independente e objetiva que essa decisão aparente ser quando é adotada, requer uma compreensão do universo social no qual esse indivíduo está inserido. Desse modo, até um sujeito que se encontra nessa situação precisaria de uma construção prévia de significados, sendo tal dada pelas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de contato com o *poetry slam* marcam o início das transformações de projetos que alguns poetas possuem. É a partir desses encontros que novas possibilidades são apresentadas aos jovens e apontam rotas para que eles sigam por outros caminhos. Ao ver as performances das poesias, é notório e inegável a força que essa manifesta ao poetizar sobre suas realidades, sobre sua raça, sobre como se enxergam.

Nessa fase da juventude, os projetos pessoais desses jovens estão ligados diretamente a sua identidade. Em se tratando de uma juventude que vive numa favela, a perspectiva é concebida mediante as muitas negações e a invisibilidade por parte da sociedade, que não avista potencial neles. No entanto, são esses mesmos projetos que forjam a construção da identidade, da percepção de si. As constantes transformações pelas quais passam os poetas fazem com que seus

anseios permaneçam, e assim seguem em busca da realização de seus objetivos e da conquista de autonomia em relação ao mundo. Os ataques poéticos no Rio de Janeiro são mais do que expressão artística individual; são movimento cultural, forma de resistência, celebração da vida em toda a sua complexidade. E, à medida que mais e mais poetas urbanos se unem para deixar sua marca nas ruas da cidade, ela vai sendo transformada. Esses poetas quando estão na rua não são apenas meros intérpretes do cenário urbano. Suas performances não apenas entretêm, também educam e inspiram. Além disso, destaca-se a lei sancionada pelo Governo do Rio de Janeiro no ano de 2023 que declara o artista de rua como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. A medida nº10.189/23 de autoria da deputada Verônica Lima (PT) autoriza que o Poder Executivo, por meio de seus órgãos competentes, apoie as iniciativas que visem à valorização e à divulgação do trabalho dos artistas de rua. Esse tipo de medida fortalece muitos os artistas de rua que sustentam famílias com o que ganham nos transportes públicos, proporcionando manifestações artísticas. Essa validação e reconhecimento desse poeta e artista de rua enquanto profissão favorece o combate às repressões que muitos passam nos transportes. Apesar dos diversos contextos, que apresentam diferentes limitações, esses jovens têm persistido em seus projetos, alcançando seus objetivos e obtendo recursos de sua própria arte para sua manutenção e subsistência. Embora nem todos os artistas tenham alcançado esse patamar seus projetos têm se ressignificado e vão se transformando e tomando outras direções. Quando Sabrina diz “Fazendo arte na rua, daquele jeito. E o que nós quer? RESPEITO” é importante perceber que essa narrativa reflete sobre alguns elementos do seu projeto individual, de ser artista de rua, poeta marginal e ser reconhecida e respeitada por seu trabalho. Diferentemente das ruas onde a jovem realizou intervenções artísticas e ataques poéticos, agora ela consegue alcançar outro público com suas letras e pode ouvir parte de seus versos nos rádios e na televisão.

Envolvida em outros projetos, como a carreira de MC e a publicação e divulgação de seu livro, MC Martina tem se dedicado à sua carreira e aos cuidados com a sua saúde mental. Em um de nossos últimos encontros, encontrei-a mais decidida em relação a seu futuro. Ela optou por não se desgastar além dos problemas que já vive. Para os jovens que precisam lutar para alcançar seus objetivos parar não é opção. É preciso continuar sonhando e disputando espaços até que os seus projetos se realizem ou tomem novos rumos.

Hoje, ela é atuante no Movimentos – coletivo de jovens de várias periferias do Brasil com ênfase na discussão sobre a políticas de drogas – é produtora do *Slam Laje* e ainda administra sua carreira como MC. Com agenda movimentada, tem colhido o resultado de seu trabalho e compreende que artistas independentes precisam se fortalecer e aproveitar cada oportunidade pois “*por depender de projetos você pode ter um mês com muito trabalho e outro sem nenhum*”.

No entanto, a rotina de emendar compromissos quase simultâneos e cruzar a cidade de uma ponta a outra é desgastante. “*É cada crise que dá em nós às vezes, é cada vontade de desistir. O ritmo é tão frenético que não dá para respirar*”, desabafa. Para superar as crises, reafirma o amor pelo que faz, “*Faço tudo porque eu amo. O dia que eu perder o amor eu paro e vou fazer outra coisa*”.

Por fim, reconhece o papel fundamental na dinâmica urbana e na construção da identidade cultural de uma cidade pelo poeta nas ruas. Sua presença não apenas adiciona arte e vida aos espaços urbanos, mas também reflete os desafios e as oportunidades enfrentados pela sociedade contemporânea.

É através de sua arte e criatividade que esse poeta encontra na rua uma fonte de renda para sustento próprio. No entanto, é importante reconhecer que os poetas e artistas que estão na rua muitas vezes enfrentam desafios significativos, incluindo a falta de reconhecimento legal, condições de trabalho precárias e estigma social. Portanto, é necessário que as políticas públicas e as iniciativas governamentais levem em consideração suas necessidades e garantam o respeito aos seus direitos e dignidade.

Em última análise, os poetas de *slam* se resignificam a todo tempo e demonstram uma capacidade de adaptação em face das adversidades. Sua presença nas ruas das cidades é um lembrete constante da riqueza e diversidade da experiência humana, e sua valorização e proteção são essenciais para o fortalecimento do tecido social e cultural dos espaços públicos.

REFERÊNCIAS

AINDA. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal POCAH. Disponível em: https://youtu.be/hq9TO9-Mvh0?si=EMkBZDZ-iXhVs_p8. Acesso em: 20 fev. 2024.

ATAQUE poético - Al Neg - Pela Liberdade de Rafael Braga. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Mídia NINJA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=763hY47rVhY&list=PLmsK4TGRR2BG9Wqa6ThPy6rwKngGRMHD>. Acesso em: 28 fev. 2024.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 7-22, set./dez. 2011.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o *poetry slam* entra em cena. *Synergies Brésil*, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NASCIMENTO, N. N. do. *Três minutos, duas mãos e uma voz: performances, trajetórias e sobrevivências nas batalhas de poesias*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Lei n° 8.120 de 25 de Setembro de 2018*. Regulamenta a manifestação cultural nas estações de barcas, trens e

metrô no âmbito do estado do rio de janeiro e dá outras providências. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, 2018.

SMITH, M. K.; KRAYNAK, J. *Take the mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word*. Naperville: Sourcebooks MediaFusion, 2009.

TOMMASI, L. de. *Cultura e juventude*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. (Antropologia social).

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Antropologia social).